

Cartas dum imaginário camponês a um senhor verdadeiro da cidade

por AFONSO RIBEIRO

11

Meu super-civilizado irmão:

A manhã desponta, vai clareando; mas pelo refêgo dos montes quedam ainda sombras no repousado sossêgo de quem dorme grande sono. Afundada assim nesta meia obscuridade a terra é côr uniforme, negro-cinza; lá para os altos, ao rés dos têsos, contudo, há nuvens imóveis embrulhadas em róxo e violeta; enquanto o firmamento, muito baixo e liso, vacila: nem azul nem chumbo, nem rubro, nem branco. Não bole fôlha de árvore; tão pouco asa madrugadora bateu já o ar sereno. Está tudo retraído e a modos que suspenso, como quem aguarda milagre de valor. Di-se-la até que nesta hora indecisa e calma uma estranha angústia desce sobre as coisas e as oprime e as tortura, cruelmente.

Na aldeia estreloçam tamancos, vozes elevam-se, rafeiros vão saltando em volta dos rebanhos—e pelos caminhos, onde luz e treva combatem ainda a sua batalha, seguem homens, enxadas ao ombro, para os campos.

Eu sei, eu adivinho, que esta afirmação te parece excessiva; e sei ainda que vais sorrir o sorriso céptico com que as pessoas «finas», educadas na abundância e na preguiça, é de hábito receberem as notícias do esforço obscuro, contínuo, martizante dos humildes. Esse teu pessimismo superior conheço-o bem. Já os faraós históricos e pomposos dêle largamente usaram no velho Egipto, à beira do fecundo Nilo, antes mesmo das pirâmides silenciosas se erguerem à bôca do deserto; e já na Roma imperial, na Veneza dos doges, na Meia Idade feudalista, na China dos mandarins, um e mil senhores com igual exuberância o usaram também. Não importa. Se os mandarins sábios surgiam e desapareciam da Terra a ver subtrir no macio céu papagaios de papel; se os senhores de caldeira e pendão, com fortaleza se amesendavam na vida, só olhos e só empenho para a satisfação própria; se os de escudo aberto em campo raso de ouro e somora legenda em latim; e tu e não sei quantas mais castas de afortunados viviam e vivem apenas para a integral realização da vossa alegria preciosa, isso não demonstra, parece-me, a não existência do suor e dos homens que o vertem, indo para o trabalho mesmo antes de o sol se mostrar.

Claro, meu descrente irmão, os teus irmãos risonhos estão lá para trás, muito longínquos e apagados já nas névoas do tempo. Um fôssco enorme vos separa. A aspereza dêles trocete-a por um preciosismo de maneiras que encanta; na biblioteca possuem dez mil eruditos volumes, e eles, quando muito, possuíam uma larga fôlha de papiro repleta de hieróglifos misteriosos que desafiavam as suas ignorâncias fidalgas; tu, enfim, criaste hábitos super-finos de higiene e de moral, lavaste as mãos, lavaste a alma, clarificaste o espirito, evoluíste... E que evolução! E' comparar os teus cabelos rebrilhantes, as tuas unhas polidas, a elegância magnífica com que enlaças nos salões, nos compassos ligeiros duma valsa, a cinta espartilhada de qualquer herdeira rica, com os cabelos eriçados, as unhas sujas, o pisar fero dos teus nobres antepassados.

O teu sorriso, por isso, é duma ironia bem mais terrível que todos os sorrisos irónicos que atulham os séculos. Porque tu—tu que és um repositório imenso de ciência, de crítica, de filosofia, de legislação...—vais fulminar-me com

uma gargalhada medonha; uma gargalhada a esparrinhar artigos e decretos, talvez máximas religiosas, por tôdas as bandas.

Depois, logo que o grande eco dessa gargalhada tiver deixado de repercutir nos espaços, dir-me-ás coisas infinitamente judiciosas. Falarás na invasão dos bárbaros, em Atila e no seu cavalo, na queda de Bizâncio e na queda de Roma, de certo no gênio de Ramsés II; levar-me-ás à Grécia onde passearemos ao lado das sombras de Sócrates e de Fídias, de Platão e Aristóteles; fundos e vastos como noite sem estrélas, os teus conhecimentos de história antiga arrastar-me-ão ainda à Pérsia, logo à Assíria, a seguir a Israel.

Nêsse momento estarei trilhado de caminhada tão ampla, o peito arfar-me-á e, num fio de voz quasi imperceptível, rogar-te-ei então que pares, que me deixes recobrar alento. Tu, porém, que na minha fraqueza só vês artifício, carrega o sobrececho, dizes algumas palavras duras—e pegando-me dum braço far-me-ás saltar de

A TUTELA DA INFLUÊNCIA

As sociedades humanas têm, como fado do seu destino, a fatalidade de caminhar na vida com as pernas e a cabeça da influência.

Na formação moral, psicológica e cultural do indivíduo como da colectividade, vemos o parto da influência, com as suas múltiplas origens, naturais e benéficas umas, artificiais e perniciosas outras. Tratemos de umas e vejamos que a elas cabe a responsabilidade da atribulada vida dos povos através os tempos.

Com a soma de progressos alcançados, o homem jacta-se de civilizado, apregoa orgulhosamente as suas conquistas e festeja-se com delirio como criador de maravilhas. Tanto se felicita pela criação do útil como se orgulha pela criação do nefasto. Moveu guerra aos Céus e proclamou-se o Deus dos deuses; mandou um ultimato aos Infernos e afirmou-se o mais poderoso e satânico dos diabos.

Valdoso, cantou a sua vitória—mostrando o seu poder, a sua verdade.

A História arquiva, com documentação irrefutável, que uma palavra, um gesto, uma atitude, um ciúme, um capricho, fizeram lei, fundaram escola, provocaram desinteligências e lutas, colocaram reinos e impérios aos pés de mulheres, doaram povos, causaram catástrofes, retalharam o mundo.

Mas o homem prossegue a jornada no caminho da civilização e cantando sempre vitória avança ao som de hinos festivos em marcha acelerada para a incógnita do futuro. Não volta a cabeça, não repara na deformidade e extensão do triste sudário de miséria que deixa na estrada dos séculos. Não muda de rumo.

Dos espectáculos de Nero, dos tiranos de Siracusa e dos horrores da Nigriela a muitos espectáculos e tragédias de hoje não vemos distância alguma: o mesmo instinto, maior barbaridade.

O instinto pôs ao seu serviço a inteligência na conquista de posições dominantes. A doutrina social estruturou-se no convencionalismo artificialista que rege a vida dos povos. As ciências físicas, químicas, mecânicas, matemáticas, etc., fizeram do direito um vassalo da força. Esta a triste herança das gerações.

século em século, de povo em povo, com a mesma naturalidade com que um menino joga a sua bola de borracha. Correremos assim tôdas as civilizações e tôdas as cidades, tão de-prensa nos confins do Oriente enigmático como no selo da Alemanha da metafísica, da Albion tradicionalista, da França de Robespierre...

E tu falarás sempre, pausadamente, gravemente; e eu seguir-te-ei a tôda a parte, derreado, a gemer o meu cansaço. Por fim, pousando a tua mão patricia no meu ombro plebeu, encara-me-ás bem de frente, e dos teus lábios tão fecundos saberei afinal as razões por mor dos quais me arrastaste de Herodes para Pilatos, de Pilatos para Caifaz, todo alheio e todo insensível às minhas suplicas e às minhas dores. Saberei essas razões e pasmarei da simplicidade que usaste para mas fazeres compreender. Realmente, és dum poder sintético prodigioso! Mergulhastes-me apenas num banho de história universal, trazeres ao meu conhecimento não mais que a cinza dalguns centos de nomes illustres

Formação e afirmação de valores

aos valores formados a celebridade mundial que eles não adquiririam, nos tempos distantes, em mais de meio século de continua afirmação.

Tenhâmos em vista a facilidade com que em todo o mundo se editam jornais, folhetos, revistas e livros, se fabricam e se celebrizam oradores, artistas, literatos, críticos, cientistas, teóricos, chefes e mentores de todos os credos, dogmas e misticas, todos eles instalando-se no espírito público por via rádio-eléctrica, por um reclame e uma propaganda permanentes e por todos os possíveis meios publicitários—como se fossem produtos ou artigos industriais, com o resultado comercial na relação directa do consumo.

Trate-se de influências de ordem material ou de qualquer natureza e sejam as acções dos indivíduos ou das colectividades resultantes das influências que formaram aqueles e estas, ou influências com o fim expresso de determinar e acompanhar a execução de obras ou a consumação de actos das finalidades objectivas que se demandam, nas artes, nas letras e nas ciências como na política, em todo o mundo se age por influências e todos os povos do mundo caminham submetidos a essa tutela que lhes talha um destino que pode ser tão catastrófico como é incerto.

O interesse na civilização assim formada explica-se pelos benefícios que dela exige a avaria moral e psicológica dominante. E precisamente devido a essa avaria e a esses interesses se mantem e se aumenta a formação desses valores, com todas as possibilidades e facilidades de afirmação para manter e aumentar a tutela da influência.

Assim se explica e confrangedoramente se justifica o abandono do grande problema: a formação de valores morais que, cultural e psicologicamente idôneos, se afirmassem pelos seus méritos numa acção humanizadora do instinto, criadora da consciência individual e colectiva.

E enquanto o problema não entrar em solução, o Homem só tem que lançar um olhar retrospectivo à jornada histórica, ver como percorreu esse caminho e corar ao proclamar-se civilizado!

CORREIA DE SOUSA